

História da Educação na Bahia: arquivos, acervos e fontes encontradas nas escolas da rede estadual de educação: resultado da pesquisa histórica do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, Nazaré-Bahia.

Cíntia Maria Luz P. de Souza¹
Eudaldo Moção Rocha Junior²

RESUMO

O artigo traz uma reflexão sobre a construção da pesquisa em História da Educação na Bahia e a possibilidade da utilização da memória escolar, encontradas nas fontes escritas, orais e iconográficas, transformarem-se em histórias de instituições escolares. Objetiva compartilhar o resultado do levantamento das fontes da pesquisa histórica do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho – Cidade de Nazaré-Bahia, que culminou com a escrita do livro e a produção do curta-metragem: “Família Luiz Viana”. Para essas produções foram entrevistados 24 sujeitos históricos que, subjetivamente, colaboraram com a construção das produções finais.

Palavras Chaves: memória; história da educação; arquivos escolares.

INTRODUÇÃO

O Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, localizado no recôncavo da Bahia, na histórica e secular Cidade de Nazaré, no bairro da Muritiba, pertence ao Núcleo Regional de Educação 21, Território de Identidade do Recôncavo.

Imagem 1

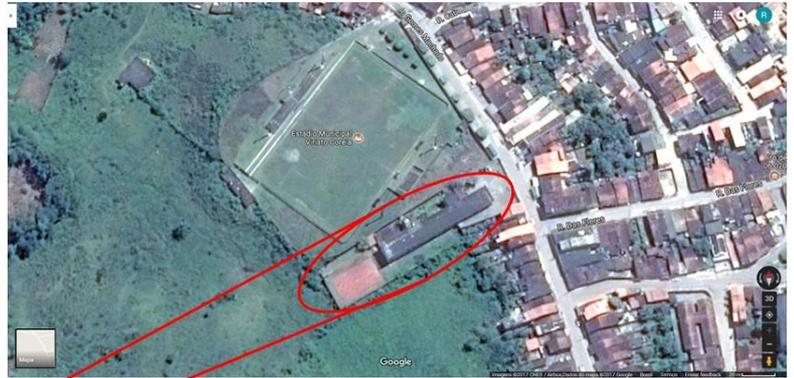


Localização do município de Nazaré- Bahia.

¹ Professora da rede estadual de educação do Estado da Bahia, Dra. em Educação e Contemporaneidade/PPGEduC/UNEB; membro do Grupo de Pesquisa Memória da Educação na Bahia PROMEBA/CNPQ, editora da Revista Brasileira de Educação Básica/ UFMG. Email: cintialux@gmail.com.

² Realizador audiovisual, graduado em Comunicação Social com habilitação Audiovisual/UFS. Diretor do documentário “O Muro é o Meio”/Canal Brasil - vencedor do prêmio EBC/TV Brasil, pelo melhor curta-metragem da 10ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos do Mundo. Produziu outros curtas como: “Do outro lado do rio”, “Louça de Deus” e “Cine Rio Branco”. Atualmente é coordenador cultural do Projeto Escolas Culturais do Estado da Bahia. Email: eudaldo.moncao@gmail.com

Imagem 2



COLÉGIO ESTADUAL GOV. LUIZ VIANA FILHO

BAIRRO DA MURITIBA



FONTE: GOGLE MAPS, ACESSADO EM 11/09/2017

Localização do CEGLVF, no bairro da Muritiba.

Imagem 3

NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO - NRE 21 **Território do Recôncavo**



Mapa no Núcleo Regional de Educação -21

Fonte: GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, Secretaria de Educação, 2015.

A escrita deste artigo reflete a importância da preservação dos arquivos escolares - muitas vezes esquecidos nos “depósitos” ou “porões” das escolas estaduais – os quais guardam memórias de localidades e/ou regiões da Bahia.

Desta forma, corporifica-se a reflexão sobre a construção da pesquisa em educação e ausência, nas escolas, de política de preservação dos documentos oficiais e registros das práticas sociais escolares e sua relação com seu entorno.

O artigo visa compartilhar o resultado da pesquisa de levantamento de fontes encontradas no arquivo escolar que culminou na escrita de um memorial histórico e do curta – metragem documental sobre a memória do colégio durante seus cinquenta anos de existência.

Sendo assim, o levantamento de fontes orais e documentais se constituiu uma importante etapa da pesquisa de memória da educação na Bahia.

O Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho (CEGLVF) possui um potencial de pesquisa importante para a memória histórica, patrimonial, afetiva e identitária do seu bairro, da sua cidade e do seu povo.

Ao completar seu cinquentenário, revive sua trajetória através da busca de memórias que contribuíram e contribuem significativamente para a escrita da história deste importante patrimônio escolar e cultural baiano.

No ano de 1968, com a estadualização do Ginásio Municipal, concretiza-se um antigo desejo: o advento do primeiro ginásio público estadual da cidade de Nazaré, desta forma, alunos, pais, professores, sociedade em geral, políticos, todos se beneficiaram com a concretização desse “sonho”.

Esse fenômeno fez com que professores se mobilizassem e, com recursos próprios³, comprassem o terreno para a construção da sede do colégio, o qual transformaria a cidade, o bairro da Muritiba (bairro-sede) e, principalmente, a vida de muitas pessoas. Surgem novas perspectivas de futuro, em especial, para os que não podiam custear seus estudos nas tradicionais escolas privadas do município.

É fato que a cidade de Nazaré, já reconhecida como o “berço da cultura”, fortaleceu-se com a chegada do “Colégio Estadual”. Centenas de professores, contadores, administradores, enfermeiros, marceneiros, carpinteiros, tiveram oportunidade de ascensão econômica e social, como constatado durante entrevistas e inúmeras conversas informais.

A relação entre memória, história e identidade social foi considerada durante a escrita do livro, para tanto, as memórias pesquisadas foram utilizadas como fontes primárias e históricas capazes de dialogar com o passado através de suas vivências, recordações, emoções e afetividade.

A pesquisa, essencialmente de caráter participante, ancora em Brandão (1994), o entendimento de que: “a pesquisa participante trata de um tipo de pesquisa por meio do qual se busca a plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com o objetivo de promover a participação social para o benefício coletivo”.

Benefício coletivo, aqui entendido, como o conhecimento possível da história do Colégio, que precisa ser produzida para que o tempo não encontre seu esquecimento.

A pergunta de partida que norteou a escrita do memorial buscou responder como ocorreu a criação do primeiro ginásio público da Cidade de Nazaré?

De caráter memorialista e histórico, pautou-se no respeito e no comprometimento da memória coletiva de todos que contribuíram com a criação, expansão e permanência do CEGLVF.

Enfim, a concretização desse projeto oportunizou a discussão acerca da valorização da memória coletiva de uma comunidade, através do despertar do sentimento de pertencimento de todos os envolvidos, bem como a reflexão sobre a importância da preservação dos arquivos escolares e da história do CEGLVF.

³ Vale esclarecer que, para a construção do CEGLVF, foi necessário que um grupo de professores doasse parte de seus salários para a construção da sede do colégio. No ano de 1969, o terreno foi doado ao governo do estado da Bahia, que se responsabilizou pela construção do mesmo.

1 JUSTIFICATIVA

Ao longo de cinco décadas, muitos alunos passaram pelo CEGLVF, hoje profissionais como: professores, médicos, engenheiros, advogados, representantes políticos e religiosos, contadores, administradores, enfermeiros, autônomos e tantos outros que fizeram história, deixaram marcas indelévels e ainda continuam dando orgulho a todos seus professores e comunidade nazarena.

Diante o exposto, o memorial e o filme justificam-se pela necessidade de rememorar a história da instituição de ensino, fortalecer a aproximação dos sujeitos históricos, assim como, homenagear a todos que contribuíram para a existência do CEGLVF e aos que permanecem, arduamente, lutando por sua permanência.

Durante as pesquisas para a escrita do memorial e para a produção do curta-metragem do CEGLVF, identificou-se nos arquivos do colégio, documentos que propiciaram um levantamento histórico e memorialista da instituição, desde o período da sua criação, momento da ditadura militar no Brasil, passando pela redemocratização, até os dias atuais. Esta situação levou à indagação: por que as escolas e comunidade em geral estão perdendo suas referências históricas, seus sentimentos de pertencimento vinculados às histórias dos colégios?

Estes questionamentos guiaram os estudos teórico-metodológicos que permitiram o brotar dos conceitos memória, história da educação e contemporaneidade que geraram duas abordagens temáticas. A primeira aprofunda-se nas reflexões sobre o campo da educação que oscila entre a área das ciências sociais e das ciências humanas, como se fosse a busca por um lugar próprio para dizer de si mesma, já que “[...] não se pode analisar numa perspectiva unicista, (GATTI, 2008, p. 1) as experiências educativas, deveras plurais em seus múltiplos fazeres cotidianos. As práticas sociais aqui são chamadas de experiências educativas.

A segunda abordagem consiste na busca pela compreensão da ausência de políticas de preservação dos documentos educacionais no local onde se produz as fontes, na escola e nos centros culturais.

Desta forma, a reflexão parte da análise que:

como toda escrita, um documento de arquivo está aberto a quem quer que saiba ler; ele não tem, portanto, um destinatário designado [...], o documento que dorme nos arquivos é não somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerram desligaram-se dos autores que os “puseram no mundo”; estão submetidos aos cuidados de quem tem por competência para interrogá-los e assim defendê-los, prestar-lhes socorro e assistência. (RICCEUR, 2007, p.179).

Entende-se que os documentos, assim como os arquivos, necessitam de cuidados daqueles que possuem a sua guarda, bem como, terá sentido na sua existência a partir do momento em que são manuseados, interrogados, contextualizados e analisados de acordo com o olhar e interesse de cada historiador/pesquisador.

Desta maneira, interrogar os arquivos não é um ato simples, mas trabalhoso e instigante, ao mesmo tempo em que nos apontam pistas de pesquisas, necessitam de cuidados e de organização adequados.

Entendendo os arquivos escolares como “interlocutores” entre as fontes e os historiadores da educação, necessário se faz que haja um melhor “diálogo” entre as duas partes e, assim, culmine na percepção da sua importância e conservação.

O artgo busca ancoragem teórica em: Le Goff (2003) e Ricoeur (2007), Gatti (2008), Mogarro (2006). Três subtemas desdobram as argumentações: A pesquisa em educação e a contemporaneidade; A memória da educação da Bahia e a preservação e utilização os acervos das escolas; A memória e a cultura local.

2 A pesquisa em educação e a contemporaneidade

As discussões em torno da pesquisa em educação são bastante fervorosas e polêmicas. Não é para menos, com um vasto campo para caracterizar os constituintes dos seus objetos de estudo e do “estatuto epistemológico” (GATTI, 2008, p.1) termina por causar polêmicas, desconfiças e questionamentos sobre a elasticidade do campo.

Um campo que atende várias questões da contemporaneidade, isto é [...] o nosso tempo [...]” (LUZ, 2007, p. 9), questões que suscitam abordagens históricas de crítica ao paradigma da modernidade, a visão social hegemônica do século XIX que influencia as pesquisas ao uso do olhar universal que atende ao rigor das ciências físicas e naturais.

Bem verdade que crescem os estudos da educação que não seguem mais orientações do rigor do racionalismo ancorado nos ideais de Descarte (século XVII) e de Comte (século XIX), estudos que construíam seus objetos de estudo, procedimentos metodológicos e os critérios de análise ao isolar, decompor e quantificar sujeito e impor uma neutralidade ao pesquisador em relação ao objeto estudado.

Pesquisadores contemporâneos expressam interesses em temas que os fazem interagir com a coletividade, compreende o fazer da ciência por uma prática social que de um lado está o grupo de ancoragem da pesquisa, o território político da pesquisa; do outro lado estão os sujeitos do estudo que o pesquisador precisa lidar com cuidado e zelo durante as interações sociais das atividades de campo: entrevistas, conversas informais, pesquisa-ação e pesquisa participante. No entanto, há pesquisadores que isolam o sujeito do objeto do seu estudo.

Com esta oscilação, o que é mesmo na contemporaneidade fazer pesquisa em educação? E, mais, como se relacionar com tantos objetos que dizem de si mesmo e da relação com os sujeitos que os movimentam num universo de pluralidade cultural e de diversidade de situações? Como lidar os imperativos da ciência de única lente para análise de situações plurais?

Boaventura Souza denomina “o paradigma dominante” (2003, p. 8) o rigor absoluto unidimensional e de “paradigma emergente” (SANTOS, 2003, p.13) o rigor que brota da insegurança deste tempo construindo uma reflexão epistemológica.

É neste tempo vivido demarcado pelas experiências humanas, por suas práticas sociais educativas, que a pesquisa em educação acompanha as mudanças, algumas perspectivas ignoram a questão paradigmática, outras criam estruturas radicais e aponta formas próprias de lidar com os repertórios civilizatórios que a abordagem paradigmática não dá conta.

Concordo com Bernardete Gatti (2008) que muitos fenômenos em educação...

geram problemáticas de pesquisa que refletem bem os processos que perpassam a sociedade e o campo da Educação, as perplexidades e contradições que se põem a quem deseja construir o conhecimento que balizam as ações da contemporaneidade, (GATTI, 2008, p. 5)

Com efeito, a pesquisa de levantamento de fontes de memória do CEGLVF encontrou subsídio na sociedade local, nos arquivos escolares, em jornais, folhetos que não guardam apenas dados sobre a educação - são saberes do social e do cultural próprio do lugar- correspondências expedidas e recebidas, enfim pode-se recorrer a variadas fontes que permitiram traçar uma linha do tempo que dura cinco décadas de existência.

Como a pesquisa se guia por uma intencionalidade, nunca perdeu-se de vista a busca da memória da escola sem perder de vista a sua relação com a sociedade local e os sujeitos que construíram e constroem sua história.

Para tanto, a pesquisa de memória é um fazer ciência de possibilidade à história, o estudo da memória é caminho da construção da história.

3. A memória da educação da Bahia e os arquivos escolares.

Neste momento aborda-se o que foi encontrado nos arquivos escolares, as fontes escritas que foram preservadas no CEGLVF ao longo dos seus cinquenta anos de existência.

O levantamento realizado no colégio ocorreu entre os meses de agosto a novembro de 2017. Foram identificados no depósito arquivos de aço, sem lógica organizacional e/ou arquivamento. Não há trabalho de digitalização das fontes, o levantamento dos arquivos ocorreu de forma exclusivamente manual, denotando um grande esforço para a análise das fontes.

A princípio a intenção é organizar os documentos do CEGLVF e, posteriormente, propor parcerias através de projetos que possam favorecer uma catalogação e digitalização do arquivo e ampliar a proposta para os demais acervos existentes nas escolas da rede e, assim, contribuir para a coleta de fontes primárias aos futuros pesquisadores da educação, quiçá propor também um guia de fontes para a História e Memória da Educação na rede estadual.

Vale destacar que, Nunes *apud* Almeida (1989) entende que o valor intrínseco de um objeto é o valor próprio, inerente a um documento: conteúdo, circunstância de sua produção, presença ou ausência de assinatura, de selos afixados. O valor arquivístico possui caráter administrativo, já o valor histórico do documento refere-se à importância de testemunhar fatos sucedidos que permitam ao pesquisador entender o vivido no passado, identificar as relações estabelecidas e transformações ocorridas e compreender a gênese e percurso dos processos presentes.

Os arquivos escolares possuem documentos permanentes e de valor histórico; as memórias coletivas e particulares que demonstram a existência de histórias com diversidades de conhecimentos humanos e físicos denotam poderes locais, regionais, pessoais e coletivos, traçando possibilidade do diálogo com a educação da época e a construção da identidade das instituições educativas.

Nesse sentido, reporto a Le Goff (1991) para entender documento, história e memória, visto que há uma longa discussão sobre o papel dos documentos na construção histórica.

No decorrer da história, o documento tem sido compreendido de diversas maneiras, seja como suporte positivista ou até como parceiro da história questionadora, tendo os documentos como o caminho a se aproximar desta.

De acordo com Le Goff (1990) “o documento é monumento”, e sua compreensão amplia, de muito, a abrangência da ideia dos documentos que a “[...] história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia, de uma arqueologia muitas vezes separada da história. Hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto.”

Ainda em consonância com Le Goff, os documentos, sob a ótica dos questionamentos desta pesquisa, vão além de papéis que recebem interpretações distantes e frias. Eles estão aliados a tantos outros caminhos de que o historiador se pode apropriar: as memórias, os sinais, os vestígios, os gestos, que dão pistas para caminhos por onde o homem passou, deixou sua marca e fez sua história.

Lucien Febvre afirmava que:

a história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem. Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas [...]. Em suma, contudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significante a sua presença, atividade, gesto e maneiras de ser. (FEBVRE *apud* LE GOFF, 1990, p.89).

Existem os “arquivos silenciosos” que são os que nos fazem questionar sobre as lacunas e os espaços em branco das fontes documentais. Nelas estão os hiatos que nos permitem aguçar os questionamentos e problematizar as fontes, desmistificando os seus significados aparentes.

Compreende-se que as perguntas e as dúvidas que um historiador deverá ter com os documentos são tão significativos quanto os próprios documentos.

Durante as pesquisas foram encontradas fontes diversas: documentos escolares (1968 a 2017), acervos pessoais, documentos expedidos e recebidos (1974 a 1986), listas de professores (1968 a 2017), pastas de estágio dos Cursos de Contabilidade e Magistério (1984 e 1985), fontes iconográficas, recortes de jornais, relatórios de atividades de professores, projetos pedagógicos, dentre outras.

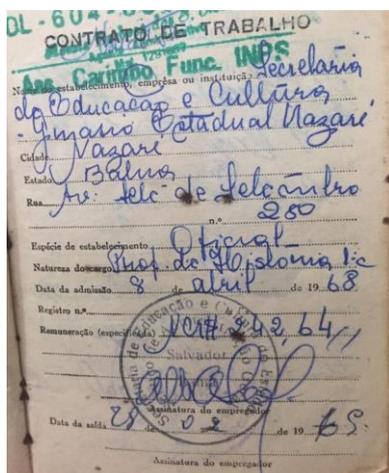
Para as produções a memória esteve nas fotografias, nas entrevistas semiestruturais com gravação audiovisual, leitura de títulos, extração de conteúdo das diversas fontes (jornais, livros, cadernetas, ficha de alunos, fotos, correspondências diversas) e nas conversas informais.

Essas fontes documentais e orais permitiram o contato com histórias interessantes - até então veladas - dos primeiros anos do colégio, que compreendem a ditadura militar, a reabertura política e a volta da democracia no Brasil.

A metodologia utilizada foi a criação, por gestão, de uma linha do tempo, associada a acontecimentos históricos locais, regionais e nacionais.

A seguir algumas fontes encontradas nos arquivos do CEGLVF que deram pistas para a compreensão da inserção da escola na sociedade local e regional.

Imagem 4



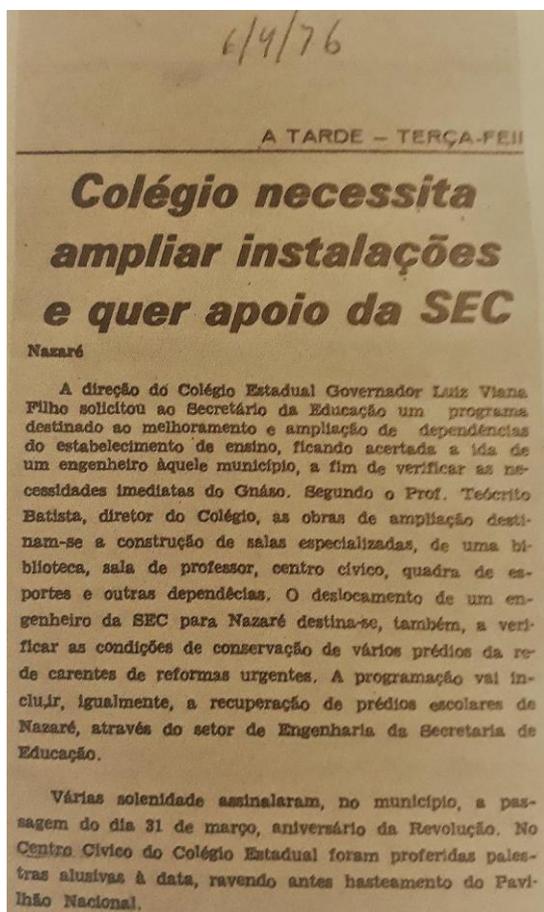
Carteira profissional do Professor Raimundo Matos, 1968. Neste ano o salário pago foi de Ncr\$ 242,64 (duzentos e quarenta e dois cruzeiros novos e sessenta e quatro centavos)

Imagem 5



Capa do informativo do Centro Cívico Cônego Getúlio Rosa, s/d.

Imagem 6



Recorte do Jornal A Tarde, 06/04/1976

Imagem 7

AB SALVADOR

Escola Viva

EDUCAÇÃO Camila Conceição ganhou na categoria Artigo de Opinião, com texto sobre a produção da farinha de mandioca

Estudante baiana se destaca na Olimpíada de Língua Portuguesa

JOANA LOFO

Aspirante a carreira jurídica, a estudante baiana Camila Gomes Conceição 18, foi uma das vencedoras da 4ª Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa. A solenidade de premiação ocorreu, recentemente, em Brasília.

A Olimpíada foi dividida em quatro categorias: Poema (5º e 6º anos), Memórias Literárias (7º e 8º anos), Crônica (9º ano e 1º ano do ensino médio) e Artigo de Opinião (2º e 3º anos), cada uma teve cinco vencedores. O tema: "O lugar onde vivo" foi comum a todos os gêneros de escrita.

Camila ganhou na categoria Artigo de Opinião, com um texto bem elaborado sobre as condições de higiene no processo de fabricação da farinha de mandioca em sua cidade natal, Nazaré da Mata, em Salvador, mais conhecida como Nazaré das Farinhas.

Para alcançar o primeiro lugar, ela, que estuda no Colégio Estadual Governador Juvêncio Viana Filho, conta que fez o que mais gosta, ler. "Em meus momentos livres leio muito. Amo Jorge Amado, Clarice Lispector, José de Alencar. Quando mais leio, melhor escrevo", disse ela, que antes de levar a medalha para casa passou por algumas etapas.

Segundo Camila, seu texto foi aprovado inicialmente como melhor texto da sala, depois como melhor da escola do município, um dos sete melhores do estado, um dos 28 finalistas e um dos cinco vencedores da etapa nacional.

Para vencer a longa jornada, Camila carregou na mala a experiência vivida na 4ª edição da Olimpíada, que ocorreu em sua "infinitamente" chegada à etapa estadual, mas não desistiu, pelo contrário, me preparei mais, pesquisei, li artigos e tive um excelente acompanhamento da professora de língua portuguesa", revelou ela.

Formação do professor

De caráter anual, a Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP) foi criada em 2002 com o objetivo de desenvolver ações de formação de professores para contribuir na melhoria do ensino da língua e escrita nas escolas públicas brasileiras.

O evento é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e da Fundação Itaú Social, com coordenação técnica do Tempep - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro tem como parceiros na execução das ações o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Canal Futura.

Para Márcia Almeida, professora de língua portuguesa do colégio em que Camila estuda e que acompanhou e preparou a aluna para a competição, o programa é uma oportunidade para os docentes melhorarem suas práticas pedagógicas em sala.

"Recebemos um material de apoio e por meio de uma sequência didática contextualizada e instigante conseguimos motivar mais os estudantes a aprender, participar e refletir sobre seu próprio processo de aprendizagem", afirmou a docente.

Além de Camila, mais 20 estudantes de diversas cidades brasileiras venceram nesta edição. No total, o programa recebeu 170.266 inscrições de professores de 5.014 municípios brasileiros.

O ministro da Educação, Henrique Paim, esteve na premiação e afirmou que o programa é um exemplo do processo de melhoria do ensino público brasileiro.

"Criamos base de sustentação para que municípios e estados recebam mais apoio do governo federal para avançar em qualidade e acesso. Tracamos também valorizar o professor: sem isso, não teremos melhoria", disse.

REPORTER VIVIANE A GOMES DA MOURA/TVG/REDAÇÃO



Camila Conceição (dir.) e a professora Márcia Almeida recebem prêmio em Brasília

170.266

foi o número de inscrições de professores de 5.014 municípios brasileiros. Entre os 121 finalistas, seis eram provenientes de municípios baianos

“Com uma boa didática, conseguimos motivar mais os estudantes”

MÁRCIA ALMEIDA, prof. português

Categorias foram divididas em: Poema, Memórias Literárias, Crônica e Artigo

Jornal A Tarde (22/12/2014), divulga a premiação da aluna Camila Conceição, classificada em 1º lugar na Olimpíada de Língua Portuguesa, em Brasília, no ano de 2014.

Imagem 8

118-6476

NAZARÉ

Colégio

Comemorou

Revolução

NAZARÉ (Correspondência Especial) — A direção geral do Colégio Estadual Juvêncio Viana Filho, deste município, para dar o devido cumprimento por ocasião do aniversário do centro cívico, elaborou uma série de atividades com palestras e banquete de Bandeira para comemorar festivamente o dia 31 de março, consagrada à Revolução.

Houve breves palestras e debates em salas de aula pelas professoras da área de Estudos Sociais, ocorrendo nos dias 21 e 29 as solenidades de hasteamento das Bandeiras. O juiz da Comarca, o pároco local e o prefeito preferiram palestras alusivas ao movimento de março de 64.

ESCOLAS

A direção do município escolar, contando com o empunho dos órgãos de administração da Secretaria de Educação, está mantendo gestões no sentido de serem, a curto prazo, recuperados alguns prédios escolares do município, com vistas de urgentes reparos.

Contando também com o apuro interesse do Secretário Carlos Santana, o Colégio Estadual de Nazaré está estudando a possibilidade de serem realizadas obras de ampliação para construção, ainda neste ano letivo, de salas especializadas, destinadas à biblioteca, auditório, centro cívico e BOM.

Sabe-se que já está assegurada a vinda de um representante da Secretaria de Educação e Cultura ao município de Nazaré para realização dos projetos de ampliação e recuperação dos prédios escolares.

Recorte de jornal, 06/04/1976. O CEGLVF comemora a Revolução de 31 de março.

Imagem 9

SECRETARIA DE EDUCACAO E CULTURA
COLÉGIO ESTADUAL GOVERNADOR LUIZ VIANA FILHO
NÚCLEO DO COMPLEXO

Nasará, 5 setembro 76

Do Diretor Geral
A Ilma. Srta. Profa. Marivalda O. Souza
MD Coordenadora Regional em S.A. de Jesus

Assunto: Relatórios de atividades realiza-
das - Remete

Estamos enviando em anexo, cópias dos relatórios reme-
tidos para a COMOCI, por ocasião das programações da SEMANA DO EXERCI-
TO, tendo como ponto culminante o dia 25 de Agosto, ocasião em que foi
realizada a Páscoa do Estabelecimento, seguida de uma sessão cívica em
de foi enaltecida a figura de Caxias e ressaltado o 1º ano de aniversá-
rio da atual Direção Geral. Na mesma oportunidade estamos enviando para
conhecimento de V. S., cópia do relatório das programações desenvolvi-
das por ocasião da SEMANA DO ESTUDANTE.

Vale esclarecer que a Profa Maria Santos Borges Ribeiro,
vem merecendo os aplausos desta Direção, pelo interesse como está desen-
volvendo as atividades do Centro Cívico do Estabelecimento, procurando
cumprir, dentro das possibilidades que lhe são oferecidas, o Calendário
enviado pela COMOCI.

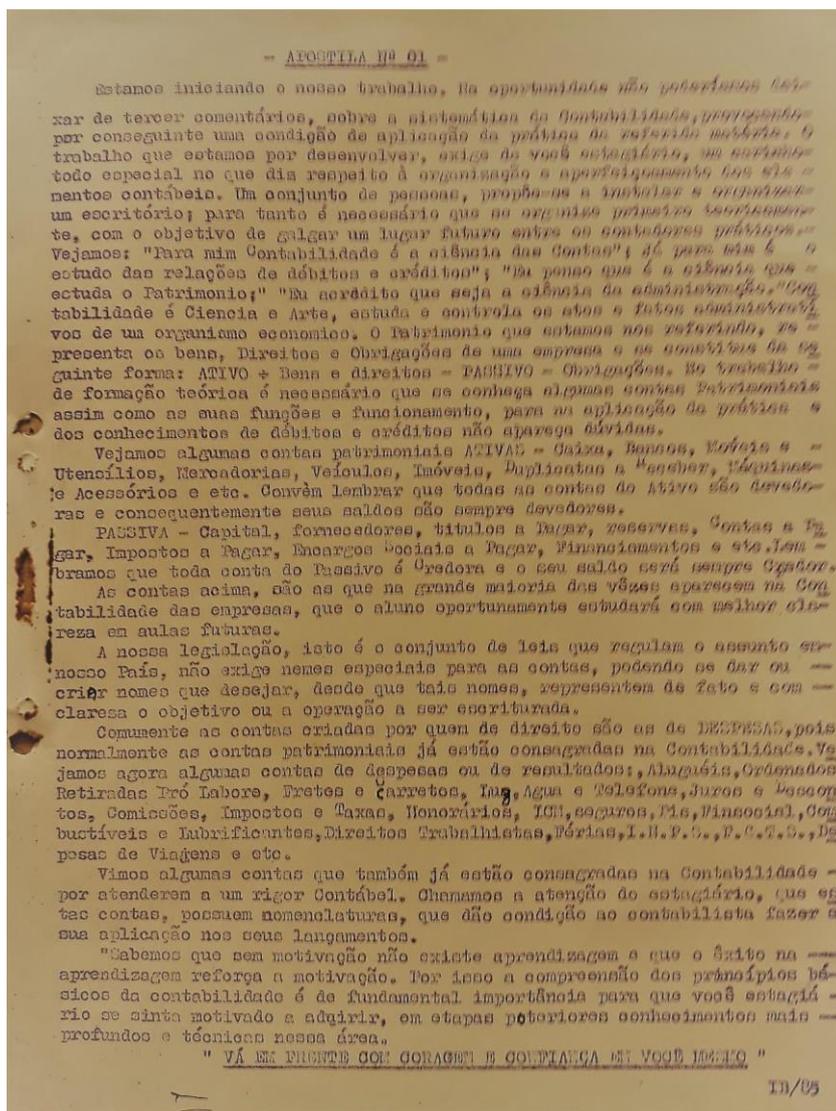
Saudações Cordiais

Theóricito Baptista - Diretor Geral

EB/TB

Correspondência expedida à Diretoria Regional de Educação, 1976.

Imagem 10



Apostila da 1ª aula de estágio do curso de contabilidade. Prof. Irênio Bonfim, 1985.

Foi produzida uma lista com nomes de todos os professores e funcionários que, durante cinco décadas contribuíram para a história do colégio, bem como foram valorizadas produções de alunos como: poesias, músicas, textos literários e as premiações nacionais.

Vale ressaltar que, de cunho memorialista, o livro possui na subjetividade a oportunidade de valorizar as memórias daqueles que constituíram e constituem a história do CEGLVF.

O projeto contou também com a produção do curta-metragem – “Família Luiz Viana” - A produção e direção foi realizada por mim e pelo cineasta Eudaldo Junior, ex- aluno do Colégio O filme será apresentado à comunidade durante as comemorações do jubileu de ouro do CEGLVF.

O filme “Família Luiz Viana” é um curta-metragem documental de quinze minutos, realizado pela Visagem Audiovisual em coprodução com a direção do CEGLVF e com a professora Cíntia Luz, como parte integrante do memorial descritivo em comemoração ao cinquentenário do colégio.

O filme é documentário reflexivo, propõe uma busca e resgate sobre um tempo que passou e deixou saudades. Um tempo que ficou guardado nas memórias de professores,

alunos, servidores e comunidade que vivenciaram momentos no colégio, nesse período de cinquenta anos.

Tem por finalidade expor histórias e lembranças, deixando claro ao espectador quais foram os procedimentos da filmagem, evidenciando a relação estabelecida entre o grupo filmado e os documentaristas.

Nos filmes reflexivos, nota-se como é a reação do grupo pesquisado diante da câmera e do seu realizador, ou seja, “nós falamos de nós para você”. Essa formulação desloca o cineasta da posição em que estava, separado daqueles a quem representa, para uma posição de unidade com estes últimos. Sendo assim, o cineasta e aqueles que representam seu tema pertencem ao mesmo grupo.

Filmado nas cidades de Nazaré e Salvador, do período de agosto a novembro de 2017. O documentário conta com entrevistas e uso de material de arquivo para ilustrar as memórias ditas nos depoimentos e nos proporciona uma imersão na vida dessas pessoas, que ajudaram a fazer a história do colégio.

4 A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA.

A relação entre memória, história e identidade social é considerada durante a escrita, para tanto, as memórias foram utilizadas como fontes históricas capazes de dialogar com o passado através de suas vivências, recordações, emoções e a afetividade que foram emitidas ao longo da construção do memorial.

Para tanto, o resultado da pesquisa precisa ser apresentado para que o esquecimento não se encarregue de exercer o seu papel assim, fez-se necessário que a história do CEGLVF não permanecesse somente na memória da sua comunidade.

Deseja-se também que, os atuais discentes e docentes continuem cultivando em suas ações o interesse em manter o Colégio Estadual “vivo” e, assim, continuar responsável pela transformação social e econômica de todos que por ele passa.

Desta forma, esta pesquisa, de cunho memorialista e comemorativo, tem o comprometimento com a história através da memória coletiva, esta, pertencente a uma comunidade que um dia desejou a criação do Colégio, a sua instalação, e que hoje luta por sua permanência.

Além das fontes orais - foram entrevistados 24 colaboradores entre ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários e comunidade, totalizando 6 horas de filmagens - houve também o levantamento exaustivo de documentos encontrados nos arquivos escolares, como dito anteriormente.

Enfim, muitos talentos foram despertados ao longo de cinco décadas. A efervescência artística e cultural vivida no interior do CEGLVF proporcionou o sentimento de pertencimento de uma comunidade - em sua maioria pobre, negra e “invisível socialmente” - a encontrar oportunidades para demonstrar suas aptidões e o despertar de uma identidade coletiva.

4.1 Dos arquivos escolares à construção da memória escolar.

Entende-se que as finalidades e funções de um arquivo escolar são diversas. Desde interesses particulares como a comprovação de conclusões de cursos, ou comprovação de trabalhos administrativos e/ou docentes; interesses governamentais como diretrizes e planejamentos a serem adotados de acordo com os dados escolares apontados nos arquivos: oferecimento de vagas, evasão escolar, repetência, etc., como a finalidade histórica, aqui proposta.

Para os historiadores, o olhar para cada arquivo escolar se amplia a depender do formato e dimensão da pesquisa a ser desenvolvida.

Entendidos como fontes documentais primárias, a finalidade desses arquivos pode ser direcionada para diversas vertentes: histórica (local e regional), cultural, biográfica, política, social, dentre inúmeras outras.

De acordo com Mogarro (2006, p.73):

as escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas características e contradições do sistema educativo. Apresentam uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola.

Ressalte-se, ainda, que, somados a outras fontes, como as orais, os arquivos escolares podem tecer um entendimento bastante amplo sobre a instituição e sua cultura escolar.

Através da experiência durante pesquisas para o memorial, percebeu-se que inúmeras possibilidades podem surgir, a exemplo de:

- como os documentos de escolas podem ajudar na compreensão do que levou à sua criação;
- quais consequências para a história local e/ou regional a partir da sua chegada;
- o que teria ocorrido naquela cidade ou região através do advento da abertura ou encerramento da escola;
- histórias de instituições escolares, biografias de ex- alunos, ex- professores, ex-diretores;
- importância de determinada cultura escolar a partir de informações documentais;
- de que forma uma comunidade pode se desenvolver com a criação da escola;
- discussão de formas de ensino, comportamento, poder, dominação, libertação, ascensão social.

Diana Gonçalves Vidal (2005) sugere em sua análise sobre “Cultura e prática escolares:

uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares”, a necessidade da intervenção nas políticas públicas de preservação da documentação escolar, trabalhando os historiadores da educação com arquivistas e profissionais da ciência da informação na elaboração de critérios. (VIDAL, 2005, p. 23).

Assim, de maneira multidisciplinar, abre possibilidade de inúmeras leituras sobre a escola, a partir da construção de vínculos e, transformando o arquivo escolar em um lugar de memória.

Concordo ainda com Vidal (2005) quando afirma:

Integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentavam ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as

relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere). (VIDAL, 2005, p. 24).

É possível identificar um conjunto de justificativas para o uso dos arquivos escolares nas pesquisas histórico-educacionais. Mas perceber a dinâmica interna do funcionamento escolar é importante para a compreensão do espaço escolar como produtor de uma cultura própria.

Enfim, o historiador da educação saberá interpretar o “não dito” encontrado nas entrelinhas de cada documento ao qual, implícita ou explicitamente, norteará pesquisas que darão a suas leituras de mundo uma maior compreensão dos arquivos escolares e suas mensagens.

Considerações possíveis.

A pesquisa de desdobramento de fontes foi um excelente argumento para entender a diversidade de abordagem no campo da pesquisa em educação, seja a ancoragem na área das ciências sociais, como foi realizado, seja na área das ciências humanas.

A pesquisa em educação ganha espaços que podem falar de si mesma, da sua condição epistemológica, uma ciência que quer seja com abordagem interdisciplinar, história de vida, etnográfica, pesquisa ação, ou mesmo com abordagem de memória que ora é apresentado, ou seja, sempre buscará a compreensão do fenômeno educacional em suas múltiplas formas de realizações.

Esta pesquisa faz perceber que sempre vale a pena buscar, olhar para mais longe, crescer e continuar caminhando, sobretudo para ter compreensão das incertezas de um mundo em mutação que faz da escola um lugar de luta para obter políticas de preservação de sua própria memória.

Os produtos finais da pesquisa documental e de fontes orais, proporcionaram toda a comunidade escolar e nazarena se (re)conhecerem nas histórias contadas e apresentadas de maneira que um gestor, professor, aluno ou funcionário pudesse ser valorizado com suas memórias, emoções e gratidão.

Deseja-se que esse trabalho possa encorajar os demais professores da rede estadual para produzirem as memórias das escolas pra que o esquecimento não se responsabilize em apagar as histórias da educação baiana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvia Maria Leite de. **Memória, documento e arquivo: apontamentos para uma história das instituições educativas.** In: Revista da FAEEDBA: Educação e contemporaneidade/UNEB, Salvador v. 14, n.24 jul./dez., 2005, p.21-30.

GATTI, Bernardete. **A construção metodológica da pesquisa em educação.** Salvador. Conferência – Programa de Pós-Graduação em educação. Salvador: UNEB, 2008, p. 01 – 15.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** São Paulo: Unicamp, 1990.

LUZ, Narcimária C. do P. **Tecendo Contemporaneidades:** pontos de diálogos sobre educação e contemporaneidade. Salvador: Eduneb, 2007.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. **Arquivos escolares** – breve introdução ao seu conhecimento. Vitória da Conquista: UESB, 2003.

MENEZES, Jaci Menezes. **Educação na Bahia, tecendo memória**. Cadernos IAT. Salvador: IAT, v.1, n. 1, dez, 2007.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e Educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, n.1, set./dez. 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2005.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, Cíntia Maria Luz Pinho de. **Possibilidades de pesquisa para a história da educação na Bahia**: arquivos, acervos e fontes encontradas nos Núcleos Regionais de Educação da Bahia: resultado da pesquisa documental da Escola Normal de Nazaré-BA (1934 a 1960). Tese de doutoramento. UNEB/PPGEduC, 2016.

VIDAL, Diana G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. ; VALDEMARIN, Vera T. (Orgs.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 3-30